



## A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO EM TEMPOS DE PANDEMIA – COVID-19

The expansion of agribusiness in pandemic times – COVID -19

La expansión del agronegocio en tiempos de pandemia – COVID -19

La de expansion en temps pandémique - COVID-19

<https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n2.677>

Raimunda Aurea Dias de Sousa<sup>1</sup>

Histórico do Artigo:  
Recebido em 28 de Abril de 2020  
Aceito em 15 de Agosto de 2020  
Publicado em 05 de Setembro de 2020

### RESUMO

A concentração de terra, no Brasil, em tempos de pandemia ocasionada pelo coronavírus, põe em evidencia o modelo agroalimentar sustentado pelas grandes corporações, promotor de doenças e de alimentos, que não têm como ponto de partida a população local, mas a necessidade do mercado. Nesse sentido, o presente estudo busca analisar a expansão do agronegócio como gerador de riqueza, especialmente, no momento da COVID-19 em que se observa ampla produção para atender ao mercado externo e, ao mesmo tempo, diminuição de alimentos seguida de alta no preço dos produtos de necessidade básica. Para alcançar o objetivo proposto, traçou-se como percurso metodológico, desde pesquisa bibliográfica a consultas de documentos relativos ao assunto. A partir dos dados e informações coletadas, foi possível entender que a crise de abastecimento no momento que estamos vivenciando está ligada à opção mundial em transformar a agricultura em um negócio que, se por um lado, garante melhoria na economia e evita queda no Produto Interno Bruto, por outro, exclui os trabalhadores e as trabalhadoras do acesso à terra e a soberania alimentar.

**Palavras-chave:** Alimento; Agronegócio; Fome; Reforma Agrária; COVID-19.

### ABSTRACT

The concentration of land, in Brazil, in times of pandemic caused by the coronavirus, highlights the agri-food model supported by large corporations, which promotes diseases and food that do not have the local population as a starting point, but the need for the market. In this sense, the present study seeks to analyze the expansion of agribusiness as a generator of wealth, especially, at the time of COVID-19 when there is ample production to serve the foreign market and, at the same time, decrease in food followed by high prices for basic necessities. To achieve the proposed objective, a

<sup>1</sup> Professora Associada/Livre Docente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) e Colegiado de Geografia da Universidade de Pernambuco – *campus* Petrolina. Líder do Grupo de Pesquisa em Sociedade e Natureza do Vale do São Francisco (GPVASF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4646-4500>. Email: aurea.souza@upe.br

methodological path was traced, from bibliographic research to consultation of documents related to the subject. From the data and information collected, it was possible to understand that the supply crisis at the moment we are experiencing, it is linked to the worldwide option to transform agriculture into a business that, on the one hand, guarantees an improvement in the economy and prevents a fall in the Gross National Product, on the other hand, excludes male and female workers from access to land and food sovereignty.

**Keywords:** Food; Agribusiness; Hunger; Land reform; COVID-19.

## RESUMEN

La concentración de tierras, en Brasil, en tiempos de pandemia causada por el coronavirus, destaca el modelo agroalimentario apoyado por grandes corporaciones, que promueve enfermedades y alimentos que no tienen a la población local como punto de partida, sino la necesidad del mercado. En este sentido, el presente estudio busca analizar la expansión de la agronegocios como generadora de riqueza, especialmente, en el momento de COVID-19 cuando hay una amplia producción para servir al mercado extranjero y, al mismo tiempo, disminución de la comida seguida de altos precios de los productos para las necesidades básicas. Para lograr el objetivo propuesto, se trazó una ruta metodológica, desde la investigación bibliográfica hasta la consulta de documentos relacionados con el tema. A partir de los datos y la información recopilada, fue posible comprender que la crisis de suministro en el momento que estamos experimentando está vinculada a la opción mundial de transformar la agricultura en un negocio que, por un lado, garantice una mejora en la economía y evite una caída en el Producto Interno Bruto, por otro lado, excluye a los trabajadores y trabajadoras del acceso a la soberanía territorial y alimentaria.

**Palabras clave:** Alimentación; Agronegocios; Hambre Reforma agraria; COVID-19.

## RÉSUMÉ

La concentration des terres au Brésil, en période de pandémie causée par le coronavirus, met en évidence le modèle agroalimentaire soutenu par les grandes entreprises, qui promeut des maladies et des aliments qui n'ont pas la population locale comme point de départ, mais la nécessité du marché. En ce sens, la présente étude cherche à analyser l'expansion de l'agrobusiness comme générateur de richesse, en particulier au moment de COVID-19 où il y a une production suffisante pour servir le marché étranger et, en même temps, baisse de la nourriture suivie de prix élevés pour les produits de première nécessité. Afin d'atteindre l'objectif proposé, il a été tracé comme un chemin méthodologique, de la recherche bibliographique à la consultation des documents liés au sujet. À partir des données et des informations recueillies, il a été possible de comprendre que la crise de l'offre actuelle est liée à l'option mondiale de transformer l'agriculture en une entreprise qui, d'une part, garantit une amélioration de l'économie et empêche une chute du produit intérieur. Bruto, en revanche, exclut les travailleurs masculins et féminins de l'accès à la terre et souveraineté alimentaire.

**Mots-clés:** nourriture; Agro-industrie; La faim; Réforme agraire; COVID-19.

## INTRODUÇÃO

Desde fevereiro de 2020, o Brasil está vivenciando o contágio pelo conoravirus<sup>2</sup>, sendo o primeiro caso a partir de um brasileiro vindo da Itália - país no momento com o maior número de mortes registradas. Como é um vírus de fácil contaminação, logo se espalhou por todo Brasil, tendo, na atualidade casos confirmados continuamente seguidos de muitas mortes.

<sup>2</sup>É o nome da família de vírus a que ele pertence (*Coronaviridae*), Sar-CoV-2 é o vírus e a covid-19 é a doença, logo - doença provocada pelo novo coronavírus que restabelece a importância da ciência e da informação responsável como principais ferramentas para reduzir ao máximo os danos sociais e econômicos que ela causará. Baseado em informações Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/03/atila-iamarino-apos-o-coronavirus-o-mundo-nao-voltara-a-ser-o-que-era/>> . Acesso em: 21.04.2020.

Para que a doença não dissemine e atinja toda a população, a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) é que se evitem aglomerações; portanto, ficar em casa para aqueles que dispõem desse bem é imprescindível. Com essa atitude, criticada pelos governos de muitos países, a exemplo dos Estados Unidos e o Brasil, a crise econômica do sistema capitalista que já estava por acontecer tomou uma grande evidência, sendo associada, pelos que adotaram o neoliberalismo<sup>3</sup>, ao surgimento do novo *coronavirus* na China – que, por sua vez, passa a ser culpabilizado pela crise mundial.

Com essa realidade, comprova-se que o sistema do capital em seu funcionamento é marcado pela contradição baseado no antagonismo social. É, também, concorrencial fundado na dominação estrutural do trabalho pelo capital, já que somente ele gera riqueza. Por essa razão, a repetitiva frase do presidente da República do Brasil - Jair Messias Bolsonaro com mandato iniciado em 2019 e término em 2022, apontando que a crise de emprego originada pela paralisação de boa parte da atividade econômica nos estados é “muito pior do que o próprio *coronavirus* vem causando no Brasil e pode causar ainda”. E continua - “Mais importante que a economia é a vida. Mas nós não podemos extrapolar na dose. Com o desemprego aí, a catástrofe será maior”<sup>4</sup>.

A fala do Sr. Presidente pode sinalizar para a necessidade de os trabalhadores voltarem aos seus postos de trabalho para aqueles que possuem, mas, na contradição que é peculiar ao sistema do capital, o retorno no período em que ocorrem muitas mortes pelo Brasil e superlotamento dos leitos hospitalares como é o caso de Manaus/AM ampliaria a precarização e o falecimento de muitas pessoas na corrida pelo lucro, e nesse sentido, a vida humana não tem significado se não estiver a serviço do próprio capital. Dentro desse contexto, Mézáros (2007) ilustra que a crise estrutural do capital cada vez mais profunda, com seus perigos para a própria sobrevivência da humanidade, coloca em acentuado relevo a sua incontrolabilidade.

Para além do desemprego e a precarização do trabalho crescentes com a aprovação da Reforma Trabalhista nos anos de 2017 e acentuados em tempos de pandemia, ganha visibilidade também, no mesmo contexto, já que não se separa a questão agrária e com ela a distribuição de terras e a produção de alimentos.

Nesse sentido, o presente estudo foi norteado pelo seguinte questionamento: Por que o agronegócio, em momentos de pandemia, não garante a produção de alimentos para população, sobretudo, a mais pobres já que faz uso da tecnologia e da grande propriedade, amplamente divulgados

---

<sup>3</sup> Para Harvey (2011) o neoliberalismo foi uma espécie de desculpa encontrada para que o Estado, antes de se ocultar ou enfraquecer, passasse a trabalhar em prol do mercado e do grande capital internacional.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/desemprego-e-crise-muito-pior-do-que-coronavirus-diz-bolsonaro/>>. Acesso em: 13.04.2020.

pelos meios de comunicação como um setor que gera confiança? Assim, o objetivo consistiu em analisar a expansão do agronegócio como gerador de riqueza, especialmente, no momento da COVID-19 em que se observa ampla produção para atender ao mercado externo e, ao mesmo tempo diminuição de alimentos seguida de alta no preço dos produtos de necessidade básica.

A necessidade de discutir a problemática proposta e alcançar o objetivo desejado conduziu-se a uma reflexão crítica do modelo agrícola implantado no mundo, Brasil, Vale do São Francisco e em Juazeiro - BA/Petrolina - PE no período da pandemia da COVID-19. Desse modo, a dimensão histórica dialética é a garantia da leitura processual da dinâmica dos movimentos internos inscritos na totalidade das relações sociais mundiais.

Tendo como base o método de análise - materialismo histórico e dialético - Minayo (1994) ilustra que a dialética trabalha com a valorização das quantidades e da qualidade, com as contradições intrínsecas às ações e realizações humanas e exterioridade dos fenômenos. Nesse sentido, Netto (2011) mostra que a dialética é um movimento real. Mas, para que ela apareça como um movimento real, há que estar equipado intelectualmente para poder apreender esse movimento – ele não é imediatamente visível.

Assim, a metodologia centrou-se nos seguintes eixos de operacionalização: **a)** organização de uma pesquisa bibliográfica baseada em autores que abordam a respeito do agronegócio, além de artigos em jornais, revistas, dentre outras fontes; **b)** pesquisa documental nos relatórios emitidos pelo VALEEXPORT - Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (2018 e 2020) e ANA - Agência Nacional de Agroecologia (2020), Oxfan Brasil (2019) sites do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento.

O estudo desenvolvido para este artigo, sinaliza a continuidade, já que a construção do conhecimento é processual. Nesse sentido, “a organização, a sistematização de experiências e sua discussão são extremamente importantes e úteis porque mostram, ademais, que qualquer processo de conhecimento eficaz tem que ser social e coletivo” (NETTO, 2011 p. 4).

## Em tempos de pandemia, o agro expande continuamente

Desde a Revolução Verde<sup>5</sup> nos anos de 1950 e 1960, o discurso do aumento da produção e produtividade para saciar a fome legitimou posteriormente o agronegócio<sup>6</sup>, especialmente, no Brasil como sendo um modelo hegemônico de agricultura gerador de trabalho e alimentos. A partir dos anos de 1990, em que esse modelo se expande no país, presencia-se exatamente o contrário – o desemprego e a falta de alimentos com destaque nos tempos atuais marcados pela pandemia da COVID-19.

A disseminação rápida da doença, seguida do distanciamento físico das pessoas a partir da campanha – “fique em casa” melhor maneira de evitar o colapso do sistema de saúde, conduziu os três organismos multilaterais, Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial do Comércio (OMC) e Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), alertarem para risco de escassez de alimentos provocada pelo coronavírus. O aviso tem como base os atrasos nas fronteiras para os contêineres de mercadorias e a onda de restrições à exportação<sup>7</sup>.

As razões listadas encontram-se nas decisões tomadas pelos governos dos países de economia neoliberal quando passaram a reduzir os estoques de alimentos por meio da substituição de políticas de soberania alimentar pela política de segurança alimentar. Assim, o neoliberalismo retirou a noção de segurança alimentar da área da saúde pública, onde o conceito foi formulado, fundado na qualidade dos alimentos, e levado para a área das políticas públicas de abastecimento alimentar. Desse modo, no dicionário neoliberal, não se fala mais de soberania alimentar, mas sim de segurança alimentar. (OLIVEIRA, 2016)

Para o autor, as políticas públicas de segurança alimentar dos estados neoliberais passaram a substituir os estoques governamentais pelos estoques das empresas monopolistas mundiais, tornando o mercado como regulador único do abastecimento alimentar das populações nacionais, especificamente com a criação em 1994 da Organização Mundial do Comércio - OMC, como órgão mundial de regulação e de decisões mundiais entre os países com contendas comerciais.

Nesse entendimento, a agricultura sob o capitalismo monopolista mundializado, passou a estruturar-se contra os subsídios, conseqüentemente, contra a agricultura de base familiar camponesa,

<sup>5</sup> Modelo euro-americano de modernização agrícola, que se caracteriza fundamentalmente pela prática de uma agricultura altamente especulativa, voltada para o cultivo contínuo de produtos com maiores níveis de rentabilidade. Tal característica foi primordial para consolidar a monocultura nos países tropicais. Este modelo de produção atua a partir do controle da produção de sementes (sobretudo transgênicas), de fertilizantes e agrotóxicos, da produção agrícola propriamente dita e também da distribuição da mesma. (MORAES SILVA, 2006 e 2010).

<sup>6</sup> O agronegócio na acepção brasileira do termo é uma associação do grande capital agroindustrial com a grande propriedade fundiária. Essa associação realiza uma estratégia econômica de capital financeiro, perseguindo o lucro e a renda da terra, sob patrocínio de políticas de Estado. (DELGADO, 2005 p.66).

<sup>7</sup> Baseado em notícias disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/01/onu-e-omc-alertam-para-risco-de-escassez-de-alimentos-provocada-pelo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 14.04.2020.

mas centrado sobre uma tríade: a) a **produção de commodities**<sup>8</sup>– com o objetivo de transformar toda produção do campo a exemplo do milho, arroz, soja, algodão, cacau, café, açúcar, suco de laranja, farelo, óleo de soja, etanol e o boi gordo em produção de mercadorias para ofertá-la ao mercado mundial; b) **as bolsas de mercadorias e futuro**, que passaram a ser o centro regulador dos preços mundiais das *commodities*. Por esse veículo, mesmo com a pandemia, foram exportados do Brasil para China no primeiro trimestre de 2020: 102 milhões de toneladas de milho com parte da safra negociada para 2021 e 122 milhões de toneladas de soja; c) a **formação das empresas monopolistas mundiais** (world monopolistic enterprises), que permitiu o controle monopolista da produção das *commodities* do campo, como as que têm o monopólio da sementes e produção de agrotóxicos: Monsanto, Dow e Pioneer (americanas), juntamente com a Bayer (alemã) e a Syngenta (suíça).

A expansão crescente do agronegócio conduziu a apropriação da fruticultura, particularmente, no Polo Juazeiro - BA/Petrolina - PE quando a reestruturação da política agrícola para o campo, ordenada pela política macroeconômica externa e da política agrícola interna, altera completamente o sentido da produção, assim como a escala de produção desde a concretude em Petrolina-PE do Perímetro Irrigado<sup>9</sup> Bebedouro nos anos de 1960. Todavia, é nos anos de 1990, com o Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho, que o agronegócio se consolida, mediante as exportações de frutas frescas e com ela a água, proveniente do rio São Francisco.

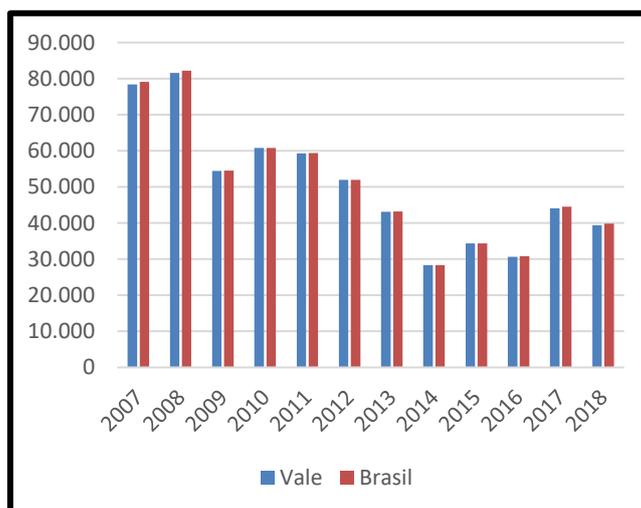
Segundo Gama da Silva (2009), a fruticultura no território do Submédio do Vale do São Francisco surgiu, timidamente, à sombra da agroindústria e tomou um grande impulso em meados dos anos de 1980 com a estruturação de uma base para exportação. A partir desse período, as frutas produzidas no Polo tiveram uma trajetória ascendente com pequenas variações no volume exportado em função da instabilidade das políticas cambiais e do próprio mercado externo, até meados dos anos de 1990. “Entretanto, é a partir de 1997 que essa tendência se consolida e a participação das principais frutas produzidas voltadas para o mercado externo (uva e manga) passa a contribuir com de 90% do volume das exportações do país”. (p.84). As exportações da uva e da manga só cresceram ao longo dos anos, ainda que outros países tenham entrado no mercado, a exemplo, do Chile, Peru e a própria Espanha.

<sup>8</sup> Qualquer produto originário de atividade agropecuária, florestal ou pesqueira ou qualquer mineral em sua forma natural ou que tenha passado por processamento costumeiramente requerido para prepará-lo para comercialização em volume substancial no comércio internacional (Delgado, 2009 p. 128).

<sup>9</sup> De acordo com a CODEVASF, um Perímetro passa por três etapas: a) o **estudo** quando os aspectos técnicos de viabilidade e implantação ainda estão sendo analisados e detalhados; b) a **implantação que** é definida como o início real das obras; c) o **estágio em produção, quando** está em pleno funcionamento, assim recebe o nome de **Perímetro de Irrigação**. Para a Companhia, essas informações estão constantemente sofrendo novas alterações, pois o processo é dinâmico e os projetos, em sua maioria, são realizados por etapas. Temos no Polo Juazeiro/Petrolina os seguintes Perímetros em produção: Bebedouro, Mandacaru, Tourão, Maniçoba, Curaçá, Senador Nilo Coelho. Em implantação – Salitre e em estudo – Canal do Sertão Pernambucano. Disponível em: <[www.codevasf.gov.br](http://www.codevasf.gov.br)>. Acesso em 24.02.2019.

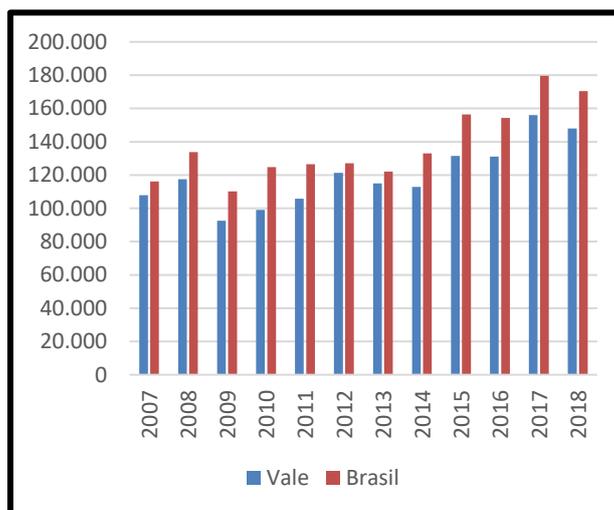
Todavia, é a do Vale que apresenta maior destaque internacionalmente da fruticultura e volume das exportações, conforme gráficos 1 e 2 que seguem.

**Gráfico 1:** Histórico das exportações de uva, vale do São Francisco x Brasil.



Fonte: VALEXPOR/2018.

**Gráfico 2:** Histórico das exportações de manga, vale do São Francisco x Brasil.



Fonte: VALEXPOR/2018.

É importante registrar que a pandemia não afetou o agronegócio do Polo na avaliação de Lustoza (2020), gerente executivo da Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (VALEXPOR). O mesmo afirma que as exportações de manga e uva, principalmente, continuaram fluindo bem, apesar de todo este cenário de paralisações de voos e alguns tipos de comércio. O gerente continua a afirmar,

Nosso produto é escoado em sua maioria por navios, e este serviço está funcionando normalmente. Nesse primeiro semestre o volume enviado para outros países como Holanda, EUA, Reino Unido e Espanha representa apenas 30% do total exportado. Nosso ápice da exportação se concentra no segundo semestre do ano, quando concentramos 70% de todo o volume exportado de mangas e uvas. (LUSTOZA, p. 1, 2020)

Relativo às exportações, o relatório emitido pela Oxfan Brasil (2019)<sup>10</sup> revela que o Brasil, na condição de terceiro país do mundo na produção de fruticultura, gerou cerca R\$ 40 bilhões por ano ao país. Quando tem por base a cadeia produtiva do melão, uva e manga no semiárido nordestino, o emprego é cerca de 88 mil pessoas. Embora a fruticultura seja celebrada como moderna atividade econômica e geradora de empregos, seus trabalhadores estão entre os 20% mais pobre do Brasil, com salário em torno de R\$ 700,00 e muito deles são safristas, ou seja, trabalham apenas em períodos temporários de três meses (safra). Segundo o relatório, as maiores redes de supermercados do Brasil: Carrefour, Pão de Açúcar e Grupo Big (ex-WalMart Brasil), detêm 46,6% do mercado atacadista do país e são as beneficiadas com a produção.

No Polo Juazeiro - BA/Petrolina - PE, em relação aos empregos gerados, temos a realidade apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Geração de Emprego – fruticultura Juazeiro/Petrolina.

CULTIVO	PESSOAS/HE
Manga	2
Uva	4
Banana	2
Goiaba	2
Coco verde	1
Acerola	5

**Fonte:** VALEXPORT/2018.

Emprego direto: **250.000**

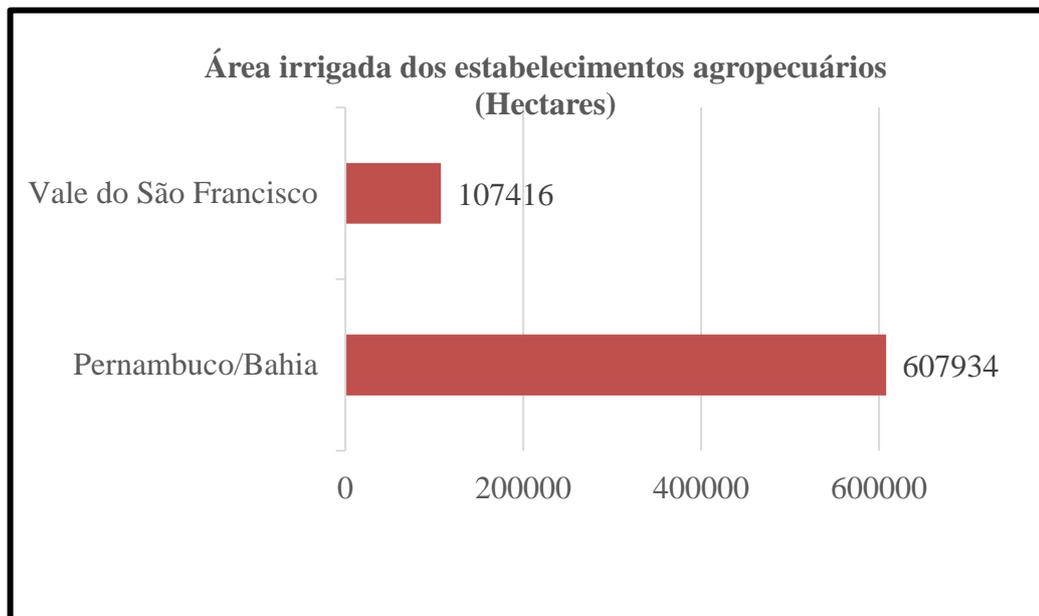
Emprego indireto: **950.000**

É importante esclarecer que os números apresentados no quadro 1 aparentam muitos, porém são trabalhadores safristas (contrato por três meses) e diaristas (contrato por diária). Um dado relevante que não aparece no quadro refere-se aos cultivos: banana, goiaba, coco e acerola, que são produzidos nos lotes destinados à agricultura familiar e emprega muito mais. Quando se considera esse tipo de

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <<https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/o-amargo-sabor-da-fruticultura-brasileira/>>. Acesso em: 15.04.2020.

agricultura, é a família que exerce a maior parte do trabalho e só em momentos em que ela não dá conta é possível fazer contratos, ao contrário do agronegócio que dispõe de uma área irrigada significativa conforme gráfico 3.

**Gráfico 3:** Área irrigada: Comparativo dos municípios do Vale do São Francisco x estados de Pernambuco e Bahia.



**Fonte:** Censo agropecuário/ 2017-2018.

A extensão da área irrigada apresentada no gráfico 3, não justificaria a alta do preço dos alimentos e de estoques para suprimir a população em tempos de pandemia no Polo. A concentração de terra, seja para produção de uva e manga para o mercado externo ou de soja e milho em outras regiões do Brasil que servem de base para a produção de ração para a alimentação animal em países europeus, têm seus próprios impactos, uma vez que são produzidas com uso intensivo de derivados de combustíveis fósseis, agrotóxicos e água.

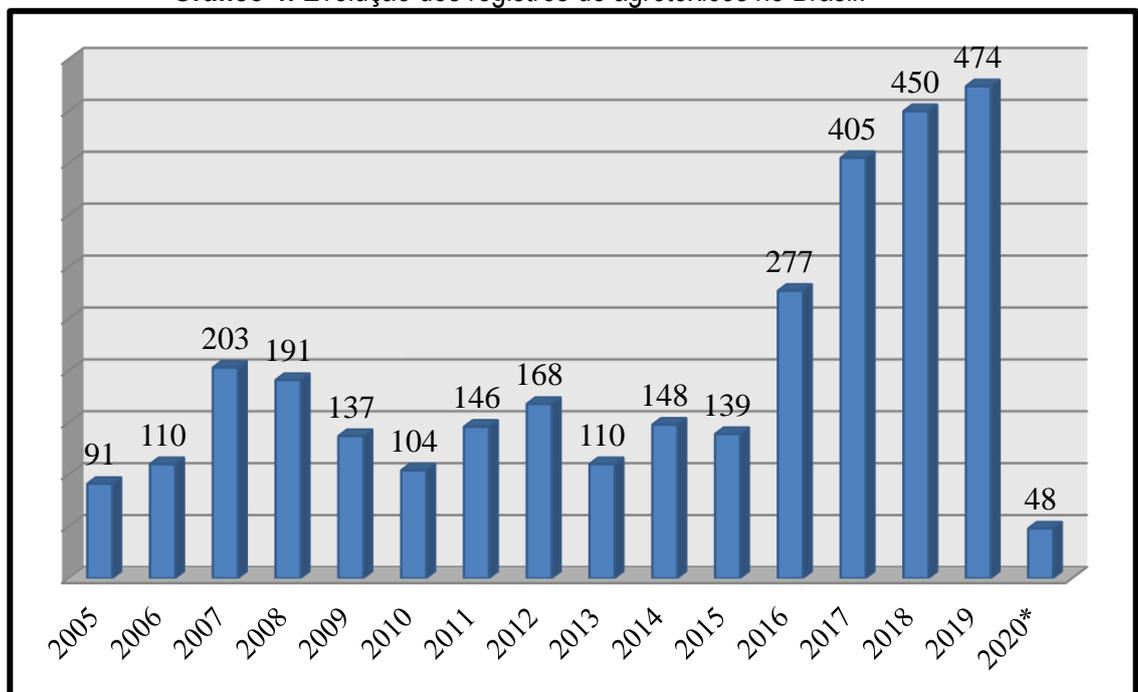
A realidade é que o sistema alimentar globalizado fragiliza os países num contexto de restrição de mobilidade como o de uma pandemia. Desse modo, não adianta o Brasil ser o maior produtor de soja, milho, etanol, açúcar e gado bovino, se eles não chegam à mesa da população, justamente porque não é o agronegócio, mas, a agricultura familiar a responsável por 70% da alimentação de trabalhadores e trabalhadoras, seja no campo e cidade.

Ao contrário do agronegócio que encontra-se em plena expansão com a pandemia, a agricultura familiar no atual momento, encontra-se com dificuldades de escoar sua produção, em virtude do fechamento das feiras ou por essas diminuíram drasticamente seu público, assim como em restaurantes

ou ainda outros locais públicos de alimentação e, também, pela suspensão das aquisição de alimentos para as escolas.

Dentro desse contexto, a falta de alimentos básicos como: feijão, milho, mandioca, hortaliças etc. ou o alto preço deles, demonstra a ineficiência, a desconfiança do agronegócio, justamente porque esse modelo para se sustentar necessita: **a)** da grande propriedade – o que significa concentração fundiária, seguida de expropriação das terras de camponeses, índios e quilombolas; **b)** da monocultura – diminui a diversidade e promove o desmatamento de florestas nativas como na Amazônia – repercutindo no deslocamento de animais silvestres para outras áreas inclusive as urbanas, sendo vetores de disseminação de doenças; **c)** do uso abusivo de agrotóxicos – para controlar as pragas que se multiplicam, por conta da baixa diversidade ecológica e alta homogeneidade genética, são aplicados 2.300 milhões de kg de pesticidas por ano, o que resulta no envenenamento de 26 milhões de pessoas por agrotóxicos no mundo todo ano (ALETEJANO, 2020); **e)** das corporações - ao mesmo tempo que controlam as sementes que por sua vez, são transformados em *commodities* e, são produtoras de agrotóxicos, com destaque para registros no Brasil – gráfico 4; **d)** da transgenia – sementes geneticamente modificadas em detrimento das sementes crioulas; **e)** de uma força de trabalho - quando não é mínima, como é o caso dos empregados na soja, faz uso do trabalho precarizado.

**Gráfico 4:** Evolução dos registros de agrotóxicos no Brasil.



**Fonte:** Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/registro-de-agrotóxicos-no-brasil-cresce-e-atinge-maior-marca-em-2018.shtml>>. Acesso em: 14/04/2020.

Elaboração: TELES, 2020.

A realidade da pandemia levanta a importância da agricultura familiar de base camponesa por meio da necessidade de:

**a) ampla reforma agrária** – a democratização de acesso à terra erradicaria com a miséria na cidade e no campo pela apropriação da riqueza produzida;

**b) soberania alimentar baseada na agroecologia** – que significa o povo, em cada região, tendo autonomia da produção de seus alimentos e de forma saudável, sem uso de agrotóxico;

**c) reativar e potencializar o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)** - criado em 2003, o PAA reúne a garantia de comercialização dos alimentos oriundos da agricultura familiar. Ainda que a ministra da Agricultura do Governo Jair Messias Bolsonaro, Tereza Cristina empossada em 2019 aos dias atuais, anuncie R\$ 500 milhões para o Programa, apoiando a compra de produtos da agricultura familiar durante a pandemia do novo coronavírus, administrado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), ainda, é insuficiente, dada a importância dele na produção de alimentos e no armazenamento de estoques governamentais e não pode ser somente nesse período, precisa ser continuamente. O armazenamento é necessário para doações em momentos de crise como agora;

**d) fortalecimento do Programa Nacional de alimentação escolar (PNAE)<sup>11</sup>** - uma grande conquista para a agricultura familiar e nesse período em que as escolas se encontram fechadas os alimentos precisam chegar aos estudantes para que não estraguem;

**e) ampliação das feiras agroecológicas** – “espaços nos quais não apenas se vende diretamente a produção dos assentados, mas também se debate a reforma agrária e a agroecologia e se manifesta a cultura popular”. (ALENTEJANO, 2020 p. 4);

**f) investir no Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária (PRONERA)** – para uma retomada da educação do campo com base agroecológica.

Por último, em tempos de pandemia em que a mídia sustenta a ideia de que o agronegócio é produtor de riqueza, ressalta-se que ele é promotor de uma insegurança alimentar, expropriador de terras e usurpador do trabalho como valor de uso e condição de vida.

<sup>11</sup> Congresso que autoriza a distribuição de alimentos da merenda escolar adquiridos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para as famílias dos alunos durante o período de suspensão das aulas. Com isso, as compras do programa não serão paralisadas e mantém uma fonte de renda para os pequenos produtores. A estimativa é que isso injete R\$ 1 bilhão no setor. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/04/08/ministra-da-agricultura-anuncia-r-500-milhoes-para-apoiar-compras-de-pequenos-produtores-durante-o-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 14/04/2020.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A matéria exibida pelo portal G1 (2020)<sup>12</sup> traz em seu título: “o Brasil colhe supersafra que bateu recorde com 250 milhões de toneladas de grãos”. A estimativa para venda é de 113 toneladas, o que não ameniza os problemas de falta de alimentos em que o país se encontra com queda de estoques que já existiam antes da pandemia e que foram acentuados a partir desta.

Deve ser destacado que a alta produção de soja, milho, algodão ou mesmo fruticultura no Polo Juazeiro - BA/Petrolina - PE, não aliviaria a situação de miséria que atravessam muitos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil. Por essa razão, os movimentos sociais do campo, juntamente com Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), criaram um documento que apresenta soluções práticas para evitar que brasileiros pobres e em situações de vulnerabilidade morram de fome. O referido documento expressa a importância do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), com liberação emergencial de um aporte de R\$ 1 bilhão. Para essa situação, a atual ministra da Agricultura, Tereza Cristina, anunciou a liberação de R\$ 500 milhões para o PAA, para a aquisição e distribuição de produtos de hortifrúti, de leite, de flores e de pequenas cooperativas.

Na análise dos movimentos, o valor é insuficiente para o momento de crise mundial e situação de emergência nacional, além de favorecer a classe dos produtores de leite, fortalecida pela indústria, em relação aos pequenos agricultores e também porque, no Brasil, há 5 milhões de estabelecimentos agropecuários cadastrados e desses cerca de 80% estão inscritos na categoria agricultura familiar, sendo que esses números ainda não contemplam as terras indígenas, pois mais de 500 mil indígenas estão em áreas rurais, são produtores de alimentos e, também, podem fazer parte do PAA.

A necessidade da produção de alimentos, para que haja estoques e sua distribuição em momentos como o que estamos vivenciando, mostra que todo o volume das exportações do agronegócio não são utilizadas para saciar a fome da população, mas para seguir o mercado. A agricultura familiar, por meio do PAA, incentiva uma produção local voltada para soberania alimentar com participação dos governos e entrega direta às entidades, como hospitais e escolas. As doações de toneladas de alimentos, litros de leites, refeições, centenas de cestas básicas promovidas pelo MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra confirmam a importância da terra de trabalho como valor de uso.

Nesse sentido, há necessidade de uma ampla reforma agrária, para que diminua a fome e as doenças geradas por esse modelo agroalimentar dominado pelas corporações do agronegócio, centradas na grande propriedade, desmatamento e uso abusivo de agrotóxicos.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8492227/>>. Acesso em: 23.04.2020.

## REFERÊNCIAS

- ALENTEJANO, Paulo. **Reforma agrária, caos urbano, agronegócio e pandemia**. Secretaria Geral do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2020.
- DELGADO, N. G. **O regime de Bretton Woods para o comércio mundial: origens, instituições e significado**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: Edur, 2009.
- DELGADO, Guilherme C. **A questão Agrária no Brasil, 1950 -2003**. In: JACCOUD, Luciana (Org.). *Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo*. Brasília: IPEA, 2005, p. 51-90.
- GAMA SILVA, Pedro Carlos. **Dinâmica e Crise da Fruticultura Irrigada no Vale do São Francisco**. In: *Diversificação dos espaços rurais e dinâmicas territoriais no Nordeste do Brasil*. Org. Aldenor Gomes da Silva, Josefa Salete Barbosa Cavalcanti e Maria de Nazareth B. Wanderley. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2009.
- GAMA SILVA, Pedro Carlos. **Dinâmica e Crise da Fruticultura Irrigada no Vale do São Francisco**. In: *Diversificação dos espaços rurais e dinâmicas territoriais no Nordeste do Brasil*. Org. Aldenor Gomes da Silva, Josefa Salete Barbosa Cavalcanti e Maria de Nazareth B. Wanderley. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2009.
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. – 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- LUSTOZA, Tássio. **Pandemia do novo coronavírus não tem atrapalhado a produção da fruticultura irrigada em Petrolina e região**. Disponível em: <<https://www.waldineypassos.com.br/pandemia-do-novo-coronavirus-nao-tem-atrapalhado-a-producao-da-fruticultura-irrigada-em-petrolina-e-regiao/>>. Acesso em: 22.04.2020.
- MÉSZÁROS, Istvam. **O Desafio o Fardo do Tempo Histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida. **Bioenergia e viabilidade da produção de alimentos para quem?** Vol. 2, num 15. UNESP/Presidente Prudente SP: Revista Formação – Especial 20 anos, 2011.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida & MARTINS, Rodrigo Constante. **Trabalho e Meio ambiente. O avesso da moda do agronegócio**. Num 01. UEL/Londrina PR: Revista Lutas & Resistências, 2006.
- NETTO, José Paulo. Entrevista com José Paulo Netto. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9 n. 2, p. 333-340, jul. /out.2011.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Mundialização da Agricultura Brasileira**. São Paulo: landé Editorial, 2016.